



Da energia ao gozo: ensaio sobre a articulação entre marxismo e psicanálise

Teodoro Lecman

Psicanalista, professor aposentado da Universidade de Buenos Aires (UBA).

Tradução: Diogo C. Nunes

Palavras-chave: Energia; Gozo; Psicanálise; Marxismo.



Imagem 1
Carl Spitzweg, *O pobre poeta*, 1837.

A máquina a vapor ensinou-nos a transformar o calor em movimento mecânico, mas na exploração da eletricidade abre-se o caminho para a transformação de todas as formas de energia: calor, movimento mecânico, eletricidade, magnetismo, luz, da transformação de uma no outra. e vice-versa, e da sua exploração industrial [...] graças a isso as forças produtivas experimentarão um desenvolvimento que as afastará ainda mais rapidamente da liderança da burguesia.

F. Engels, Carta para Eduard Bernstein, 1883.

Introdução

1

Max Stirner foi inspirador de correntes de direita e esquerda e a seu famoso livro *O único e sua propriedade* é creditada a fundação do anarquismo individualista absoluto, com um Eu incondicional. Acrescentemos que atualmente o neofascista que governa a Argentina é chamado de libertário, quando o termo tem uma tradição política anarquista absoluta. Mas os americanos souberam apropriar-se de tudo e tendem a chamar os fascistas “neoliberais” de libertários, ofendendo também a nobre tradição liberal (Stuart Mill e outros) que fundou a primeira etapa do capitalismo heróico, revolucionário na época, por se opor ao feudalismo e à monarquia. Daí as confusões que o pós-modernismo comunicacional vulgar propõe o tempo todo para uma lavagem cerebral universal, sem qualquer ética histórica.

2

Nesse grupo, com formação mais ou menos universitária, havia um antropólogo que levava o nome de Floreal (um dos meses renomeados pelo jacobinismo francês) e um bancário que pertencia ao banco oficial mais importante da Argentina etc.

1) O gatilho para este texto foi um comentário de um grupo de usuários de eletricidade diante do repentino corte de energia em Buenos Aires, um dia antes das eleições de 2023, em um populoso prédio no tradicional bairro de Boedo. Nele, tenho minha casa e consultório – onde atuo como analista “proletarizado” e intelectual crítico independente. (Recordo de certa vez ter ganhado a fama de individualista, à la Stirner¹, de um grupo anarquista²). *Sportivos*³, sempre surpresos, na nossa “estúpida existência” (Lacan, esquema Z), pela deslumbrante máscara narcísica dos indivíduos e das massas sempre adaptadas (*I soliti ignoti*, Mario Monicelli)³.

2) Outra inspiração é a longa história que hoje se atribui à euforia dos anos 1970⁴ de tentar, nunca de forma muito bem sucedida, correlacionar marxismo e psicanálise. Há a tentativa, entre outras, de Wilhelm Reich⁵, que acabou ferido e preso em uma prisão norte-americana por ser subversivo, e que propôs os *orgones*, elementos da atmosfera propícia ao orgasmo. Sem esquecer de Otto Fenichel.

3) Uma questão fundamental é o termo “energia” como elo entre os estudos de Marx e Engels, o conceito atual de energia, e o conceito de gozo em Lacan, percorrendo um corredor entre a psicanálise e o marxismo, mas, o que é mais importante, tentando elucidar o sofrimento do ser humano atual.

Energia

Deixaremos de lado a questão metafísica da energia na concepção antiga, especialmente em Aristóteles, por vezes oposta à atual, mas com uma dialética rica (ver o verbete “Energia” no Dicionário de Filosofia de Ferrater Mora).

3

Lembramos que o filme de Monicelli, *Os eternos desconhecidos*, é sobre um grupo de vagabundos romanos que querem entrar na onda dos assaltos e ter um cartel, a quem é apresentado um velho companheiro inefável (que será o incrível hebreu Abakuc de *O Exército Brancaleone*, um personagem tão apropriado por sua vez ao conflito atual) com calças de bicicleta plissadas, para surpresa de todos.

4

Enzo Traverso propôs, desde uma universidade norte-americana, a melancolia da esquerda. Que pena quanto aos seus trabalhos anteriores... Muitos outros falam sobre a crise do marxismo. Mas verdadeira crise é a do sistema capitalista e de todos os traidores: humanos, demasiado humanos.

5

Dos primeiros psicanalistas originais, foi ele quem postulou a neurose de caráter e escreveu uma Psicologia de Massa do Fascismo, entre outros.

Do positivismo europeu, a ideia de energia é assimilada à de força, a uma qualidade potencial da matéria que dá origem aos princípios da termodinâmica da conservação, transformação e perda de energia; à teoria da relatividade e da quântica na medida em que supõem uma concepção do Universo (não é outro senão um universo de discurso, que recolhe os efeitos operacionais da atividade humana sobre o real indiscernível) como um sistema relativamente fechado.

Mas, atualmente, o sistema global e fechado do esforço humano é o sistema do capitalismo global, e a energia está expressa nisso. Enquanto o poder destrutivo ilimitado da indústria armamentista global é retroalimentado, dissipando-o brutalmente, muitas vezes com a total complacência do povo (lembramos uma foto horrível da Primeira Guerra Mundial, com 9 milhões de mortos, de centenas de balas de canhão com a fábrica trabalhadores posando satisfeitos. Já foi pior com a bomba atômica, agora com a tortuosa biografia do genocida Oppenheimer como se ele fosse um herói).

Chegamos, assim, à citação da epígrafe de Engels. A eletricidade é aí concebida como uma poderosa energia de transformação que levará até à emancipação do proletariado, das forças produtivas. Mito que não se concretizará se não assumirmos a eletrônica em seu lugar, uma atomística que atualmente deu origem ao sistema universal da telemática e maquinaria associada e à procura desenfreada de recursos energéticos de todo o tipo.

A luz entra até na teoria da relatividade.

Voltando à eletricidade, vemos que o que no consumo individual corresponde ao abastecimento das pequenas necessidades dos usuários, no fornecimento global corresponde às grandes fontes de energia e às empresas de distribuição, às redes elétricas.

Se aplicarmos a isto o poder, o gozo e o usufruto, é óbvio que as grandes empresas usufruem de uma mais-valia associada ao poder energético sobre o consumo do usuário. E depois há uma diferença entre o valor de uso do usuário e do trabalhador e o valor de troca, os preços e o poder do capital.

Gozo

O gozo, definido por Lacan, situa-se de alguma forma entre o nascimento e a morte, na ambiguidade radical de vida/morte da existência humana, e como o limite do prazer e do desejo, apenas verificável a partir desse limite. Este sistema goza, e goza da



destruição. O esgotamento da energia é consequência desse desejo onipotente e infinito de poder e de sua contínua transformação em busca de uma mais-valia da qual nada restará. Recursos alternativos como eólico, solar e outros podem ser úteis.

Os usuários – que em seus comentários de alguma forma não deixavam de aderir, paradoxalmente, ao gozo do capital e do sistema, por sua adesão narcísica ao princípio da conquista do poder, em seus limites – eram como o papagaio de Picasso: bicavam suas roupas, reconhecendo nela a voz do Mestre.

Tudo isto acontece no reino de um *Ananké* totalmente governado pelo capitalismo na sua estrutura corporativa global, piramidal, faraônica e retificada. É claro que Eros e a sexualidade poderiam mitigar isto, mas o vínculo social é pulverizado e a sexualidade é infinitamente fragmentada em seitas egocêntricas devido ao funcionamento do sistema. O apelo constante à “energia”, “boas vibrações” e “boas ondas” também mostra a robotização do humano. Revalorizar a paz, o amor e a cooperação é a única coisa em que podemos pensar.